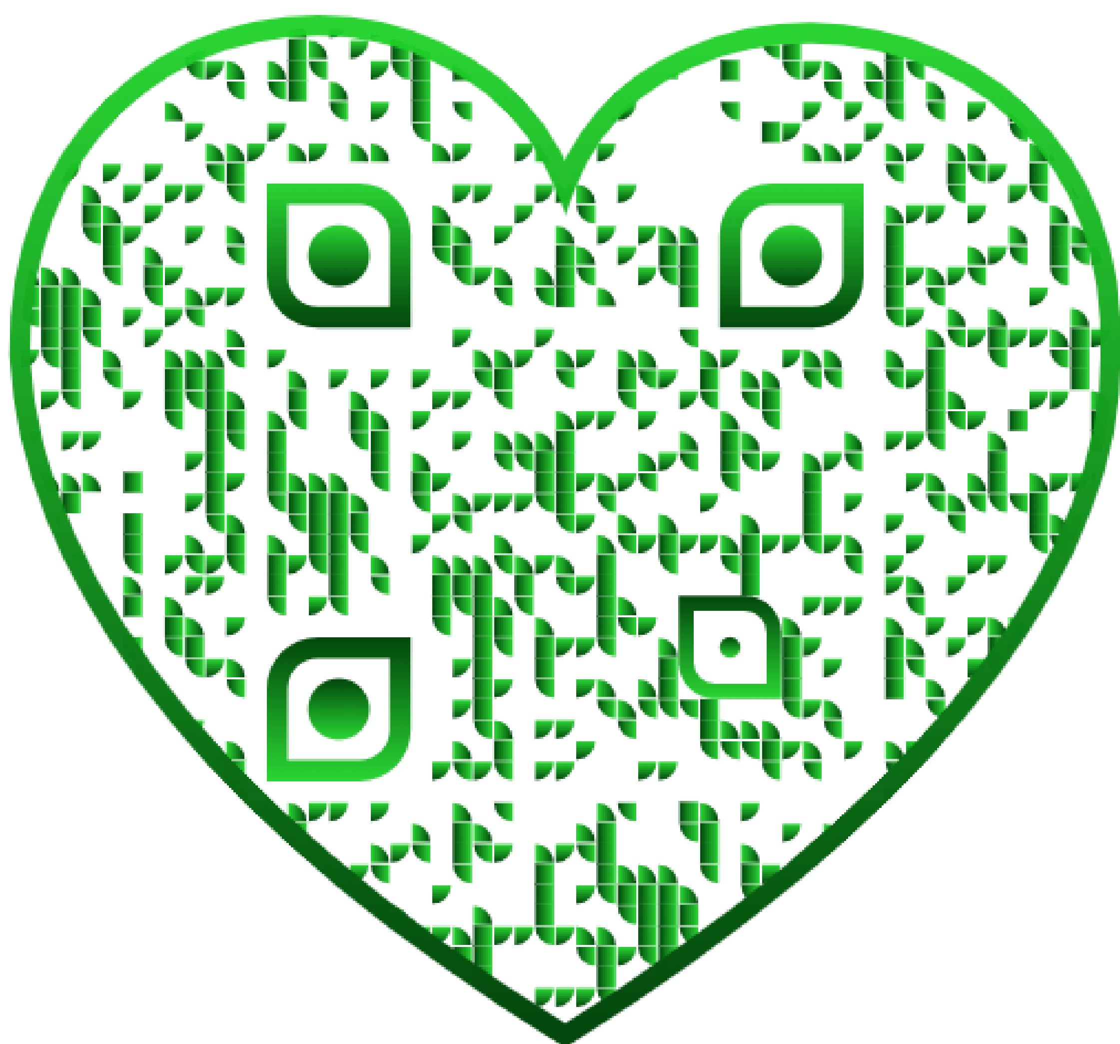
EU

Felipe Blanco

virtualbooks



EU

(Coletânea)

Felipe Blanco

Belém – Pará
2001

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:
Vbooks02@terra.com.br
Estamos à espera do seu e-mail.



www.terra.com.br/virtualbooks

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se algum suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: favor avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br, para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.

EU

Essa coletânea surgiu de uma maneira engraçada, eu diria. Certa noite, estava checando alguns textos de várias fases de minha vida - ou "minhas vidas"... - quando decidi, subitamente, reuni-los numa única obra até mesmo como preparativos para a celebração de minhas humildes vinte primaveras, em Agosto deste ano.

São narrações, crônicas, contos, ensaios, enfim, resultados de algumas horas de concentração ou mesmo pura vontade de escrever, inspiração, para usar um termo melhor. A maioria é fruto das aulas de redação que tive na escola. Uma delas, "Cinderela de Neve e os 40 Alladins Colorados", surgiu numa espécie de co-autoria com o meu pai, ele deu a idéia e eu desenvolvi o resto.

Gosto muito de escrever, especialmente quando "aquela" idéia não sai da cabeça, quer porque quer passar pro papel. Isso pra mim é uma terapia, é dessa forma que eu esqueço (ou tento esquecer) os problemas do dia-a-dia e me deixo levar pela mágica da imaginação.

Então por que não compartilhar um pouquinho desse prazer com os meus amigos? E graças ao bom e único Deus, eles são muitos e não param de surgir novos irmãos. São AMIGOS com todas as letras, pessoas com que compartilho bons e maus momentos e que estão sempre por perto para ajudar e ser ajudados. E como eu gosto deles! São um capítulo à parte nesta coletânea:

Adriana Pacheco, Antônio Neto, Aline Caramês, Carmem Blanco (mãe é mãe), Cleide Pacheco, Cirlene Costa, Daniela Rodrigues, Estilac Borges (meu "paidrinho"), Fernanda Caramês, Fernando Blanco, Flávio Blanco, Harleido Blanco, Helder Bentes, Glaucilene Coelho, Iêda Amaral (sem ela...), Iara Silveira, Jane Alves, Jane Freitas, Lídia Moraes, Lilia Lima, Lourival Borges Filho, Mário Júnior, Rachel Barboza (nunca te vi, sempre te amei...), Regina Coimbra, Raimundo Vieira, Sônia Ferro, Thaís Caramês, só pra citar alguns.

É, se nos próximos vinte anos eu continuar seguindo esse ritmo, e eu pretendo, tenho boas chances de ser ainda mais feliz... tomara!

Bom, diante de todo esse subjetivismo essa coletânea não podia deixar de se chamar "EU". E aí vou EU...

Cinderela de Neve e os 40 Alladins Colorados
Áspero
A vara que cura
Revés
Desabafo de um plebeu
Procissão do Círio: manifestação de amor e de fé a Nossa Senhora
Mãe
É o fim da picada
Que pecado!!!
A Indústria Cultural e seus paradoxos
Walter Benjamin na era de sua reprodutibilidade técnica
A Musa
Cadê Belém?
As cores da cabocla cheirosa
Uma rua de mão dupla

Cinderela de Neve e os 40 Aladins Colorados

Num certo segundo Domingo de Outubro, dia de Círio, Cinderela de Neve e os 40 Aladins Colorados saíam de seu barraco de apenas 50 quartos, 55 banheiros, 60 salas, 10 garagens, 3 andares e 6 piscinas, no bairro de Evangelista Campos, para ver a Virgem de Nazaré sair da Assembléia de Deus para a sinagoga dos judeus.

Cinderela de Neve, com sua linda cabeleira loira e sua "chic-radical" mini saia azul fazia sucesso.

No trajeto do Círio, Cinderela parou em uma banca e tomou um belo tacacá ao som de um carimbó do "macaco que era filho do macacão, neto do macaco velho que mora lá no sertão".

Durante a caminhada, Cinderela de neve teve uma forte dor-de-barriga. Tudo por que a tacacazeira ao invés de pôr goma de mandioca, pôs goma de colar.

Passada a dor e quase no final da caminhada, Cinderela de Neve e os 40 Aladins Colorados foram convidados a cantar em frente ao Hotel "Milton" pelo príncipe regente Guélio Heiros.

No auge da festa, uma ventania horrível, levou a berlinda da santa pros cafundós do brejo em diante, as barracas do Ver-o-Peso foram bater na Praça da República que por sua vez ficou no mio do Mangueirão.

A ventania também fez uma revelação **IMPORTANTÍSSIMA**. A linda cabeleira de Cinderela de Neve não passava de uma peruca roubada em uma loja na rua São Brás de Aguiar.

Quando a peruca de Cinderela voou, todos começaram a cantar:

-Eca, eca, eca, Cinderela é careca! Eca, eca, eca, Cinderela é careca!

A coitada da Cinderela e os 40 Aladins Colorados tiveram que sair correndo atrás da peruca. Sabem onde eles foram parar? Se vocês souberem, por favor, me digam. Eu estou louco para saber...

Áspero

Cinco horas da manhã. O rádio, numa prateleira acima do fogão já está ligado e toca uma música animada, barulhenta. O pouco feijão já está na panela, fervendo, borbulhando – xiiiii. Levanto. Os olhos ainda pesados de sono mal deixam que a figura de minha mãe se fixe na mente. Cambaleio até o quintal, tio preguiçosamente a roupa, espremo o tubo de creme dental e a pasta sai gelada em meu dedo – borbulha na boca. A água fria escorre pelo corpo eliminando contra a minha vontade os últimos vestígios de preguiça, de sono e de sonhos; trazem-me forçosamente à realidade: a escola sem professores, sem carteiras, sem lições; o ônibus velho e lotado que berra por todo o longo percurso; a fome; a fila nos postos de saúde onde uma gripe dura meses; a vida, a minha vida. Por que quisera deus que eu sobrevivesse dessa forma? Cada um tem o que merece? Não creio, sou pequeno demais para merecer tanto. Os sonhos, estes quase não me visitam mais, as imagens que me vem `mente são apenas lembranças dos dias anteriores e dos que seguirão. Esperança, o que é isso? Comida, brinquedos, roupas, educação, saúde? – nunca conheci não, só ouvi falar. Fartura? Hein? Morde? Sei lá o que é isso. Tudo que sei é que os dias passam, os anos passam mas aquela dorzinha no estômago fica; a mão, a vida (ou existência?) cada vez mais calejada, áspera.

Ai, ai...

A vara que cura

Semana passada apareceu aqui no distrito um camarada que tinha se passado por padre numa paróquia aqui em Belém. Era um tal de Valdir Silva, figura interessante, "pinta de doutor", falava alto e com segurança. Tinha carisma, o cara. Até demais...

Depois de todo o protocolo, mandei chamar o preso para ouvir direito a história dele. Ele veio, olhou para as paredes sujas e para toda a bagunça na minha mesa e balançou a cabeça negativamente.

-Sente e conte o que aconteceu – ordenei a ele.

-O negócio é o seguinte, caro doutor delegado...

Valdir não tinha emprego definido e sobrevivia dando pequenos golpes – terrenos inexistentes, jóias "valiosas", etc. Cansado daquela vida "pacata", Valdir resolveu fazer algo que lhe parecia inusitado: fundar uma igreja. Triplicou seus golpes e com o lucro alugou um barracão e inaugurou a "Igreja da Salvação". Em menos de uma semana o local já não comportava mais ninguém, eram centenas de mulheres e "mulheres" que lotavam todas as missas. Sobretudo aquelas em que era realizado o ritual da "Vara de Moisés". Mas todo o reinado de Valdir terminou quando uma senhora sexagenária ficou insatisfeita quando seu "padre" lhe disse que no caso dela nem a Santa Cruz daria jeito.

-Quero o safado preso! – berrou a velha até que trouxeram o falso milagreiro, sob os protestos de seus fiéis.

Valdir Silva ainda ficou um tempo por aqui, mas logo conseguiu ser liberado. Isso antes de eu saber que a minha mulher também se curava com a "Vara de Moisés"...

Revés

Minha vida sempre foi uma entediante rotina – casa , trabalho, casa. Sempre os mesmos lugares, as mesmas pessoas, os mesmos desejos. Metas diárias planejadas rigorosamente onde nada podia falhar. Com hábitos tão retos, nunca imaginei que um dia pudessem se desviar.

Eu o vi do ônibus, tórax delineado à mostra, beleza morena contemplando a manhã da janela de seu apartamento. O suficiente para eternizá-lo em minha mente. Cheguei renovado no emprego, executei com prazer as mais difíceis e demoradas tarefas. Então ELE surge. Surpresa. Pede algumas informações, cumprimenta alegre uma moça e beija com carinho os felizes lábios que o esperavam. Inveja. O casal de noivos sai para almoçar. Aos poucos pareceu que tudo voltaria ao tédio de antes, porém acentuado por uma dor massacrante. Mas de repente uma luz: a mesma moça tem um caso com o chefe! Um brinde. Alguns telefonemas anônimos e o noivado termina. Ele é meu. Algumas cartas e um encontro. O ar foge e parece querer levar consigo o coração. Angústia. Ele chega. Medo. Beija-me o rosto. Colapso. Passamos a conversar. Calmaria . De repente, um convite, um motel, nós dois. Explosão. Seu cheiro, seu toque, seu corpo – uma celebração ao prazer, ao sexo. Finalmente o ápice. Ele clama desesperado...pela noiva. Decepção. Frustração. Ódio. Fuga . De volta à realidade. Sou apenas um homem vagando pelas ruas...

Desabafo de um plebeu

A vida é um ciclo, isto ninguém pode negar. Saímos da monarquia há pouco mais de cem anos, "ensaiamos" uma república democrática e eis que nossa velha amiga retorna, desta vez maquiada pelo parlamentarismo.

Loucura? Talvez, basta-nos refletir um pouco. Esqueçamos as beldades televisivas e os supostos cantores que bombardeiam nossa já saudosa MPB e analisemos os fatos. Em nossa "monarquia parlamentarista" o rei D. Fernando II, depois de receber o trono do regente Itamar (que recebeu de D. Fernando I), rompe os laços de amizade quando este não acata as ordens de sua majestade. Nosso déspota, esclarecido pelas luzes que ele mesmo privatizou, busca apoio junto ao parlamento, que atende pela sigla de FMI e dita com rigidez os rumos a serem seguidos pelo reino, e põe a culpa da crise financeira mundial no hoje governador da província mineira. A crise "passa"(será?) e o FMI fica, e diz que o rei não deve se expor demais, o "caixa dois" nas Ilhas Cayman foi descoberto, prendam os culpados, cortem-lhes a cabeça! Mas até hoje amolam a guilhotina; os culpados podem ficar para depois, talvez precisemos de um bode expiatório para desviar a atenção... Ah sim, ia me esquecendo. Para preservar a imagem real, faz-se mais que necessária a presença e a participação efetiva do nosso primeiro-ministro: "Carlinhos, é a tua vez!".

E eis que dentre as plantações de cacau e as micaretas da província festeira emerge o primeiro-ministro, firme, soberbo, avassalador e inconseqüente; quer porque quer pôr os juizes atrás das grades e os trabalhadores na sarjeta, o que vem conseguindo fazer com maestria. Existem pessoas que adoram inverter os papéis...

E cadê a nossa esquerda? Foi amputada, resta-nos apenas a direita. Mas não há oposição nem mesmo no partido da situação? A palavra "oposição" foi cortada de nosso vocabulário, bem como "educação", "saúde", "respeito", etc... Mas o "povo" já fez com que um de nossos déspotas abdicasse, não é difícil repetir a dose. Isso depende. O povo vai de carro importado e celular na mão comandar suas empresas do alto de uma torre de vidro? Devido à falta de instrução e até caráter o povo serve apenas para sustentar a nobreza e o "povo".

Ó Deus, só tu sabes quanto sofrimento abriga este coração e quanta alienação abrigou esta mente. Se existisse a tão falada máquina do tempo, não teria tido D. Fernando II tantos votos nas urnas. O que fazer então? Esperar que a burguesia rompa com a realeza e promova uma de suas revoluções (que neste reino não passam de revoltas) liberais? É, né. O brasileiro é acomodado, brigar

pelos seus direitos é coisa de "rico". Por enquanto a gente senta no sofá, escolhe uma bunda bonita – oxigenadas, mascaradas, masculinas(!!!), são tantas... – e espera a banda passar. Tem cerveja? Tudo bem, senta logo e não enche a paciência.

Como eu disse, a vida é um ciclo. A nossa monarquia (ou será monoanarquia?) um dia vai passar e logo voltaremos a levar a nossa vidinha medíocre de sempre, ou melhor, de antigamente, pois hoje ela está aquém da mediocridade. Num lugar onde funcionários de funerárias disputam cadáveres à tapa, tudo pode acontecer. Sendo assim, relaxemos e descansemos – dias piores virão.

Procissão do Círio: manifestação de fé e de amor a Nossa Senhora.

(Redação vencedora do Concurso de Redação do Círio de Nazaré - 1999)

O sol já ilumina o dia de uma forma especial. Há uma euforia no ar. De todas as partes, de todas as raças, de todos os níveis sociais. Sempre tem mais gente chegando. Muitos madrugam a sua espera...

-Mas quem é Ela? De onde veio?

-Não existem palavras que possam responder à altura. – disse-me uma vizinha – Terás que vê-la, senti-la.

Impossível para alguém de fora do estado imaginar a cena. Então tomei uma decisão: iria observá-la de perto na manhã seguinte, averiguar que espetáculo era aquele do qual tanto me falavam.

Acordei cedo e fui, conforme recomendou-me a vizinha, para a Catedral de Sé. Uma multidão já aguardava a saída da berlinda. Alguém me perguntou se eu havia feito promessa. Respondi que estava apenas observando.

Afastei-me do homem e fui procurar um lugar mais à frente. Era impossível. Logo deparei-me com centenas de pessoas descalças disputando um lugar para segurar uma grossa corda. Parecia que ao carregá-la todos os pecados seriam redimidos. Então fogos explodiram no céu e uma pequena imagem envolta em um manto surgiu carregada pelas mãos do bispo e foi colocada na berlinda sob os aplausos e lágrimas do povo. Conti-me. A procissão teve início.

Começamos a percorrer as principais avenidas da cidade. O calor era intenso, mas a multidão estava concentrada, tinha uma missão a cumprir. Pessoas seguiam de joelhos, carregavam objetos representando graças alcançadas, crianças vestidas de anjo. Um homem cobria-se com um manto repleto de caranguejos, disse-me que era para agradecer pelo nascimento do filho. Passei a me sentir estranho, angustiado, mas procurei me acalmar.

Uma chuva de papel picado caiu sobre todos; fogos, louvores, desmaios, ainda restava muito para o final. Horas de sufoco. À cada passo o aperto no coração aumentava. Uma força oculta conduzia a todos, vencia o cansaço. Quis voltar para casa, mas algo me prendia ali. Ouvia uma voz me chamando suavemente. Onde estás? Quem és? Não obtive resposta.

Finalmente chegávamos ao destino final. A imagem foi retirada sob os clamores das pessoas e conduzida a um altar. A resposta que procurava veio em uma explosão de sentimentos, em lágrimas, rios, felicidade. 'Ela' revelou-me sua identidade. Mostrou-me ao longo do percurso que é capaz de fazer brotar o amor no mais cético dos corações. Provou-me que todos os atos de seus devotos não deveriam ser tratados como sacrifício e sim como a mais nobre demonstração de carinho, gratidão e fé.

Mãe

És Amor, és Felicidade
És uma imagem de vida
Dás conforto, dás afeto, dás abrigo
Por Ele escolhida
Podes aos homens salvar.
O Pai te fez uma só.
Abençoe-nos Ave Maria
O resto é nada, é cinza, é pó.

Geraste no santo Ventre o Filho.
Vens comigo te encontrar
Estás no sorriso da criança, na pétala da pura flor,
És Graça Divina, Maria, és amor
Estou a te esperar
No lar, na escola, no trabalho
Vens comigo te encontrar
Para o frio da vida, teu manto é sempre o agasalho
Contigo posso contar.
Ó Senhora de Nazaré, amar-te-ei sempre
És quem guia a minha fé.

É o fim da picada!

Andam dizendo que o mundo acabará no próximo dia onze de Agosto, às oito horas da manhã. Como se pode perceber o fim dos tempos já tem até mesmo hora marcada para acontecer, nem um minuto a mais ou a menos, a agenda celestial tem muitos compromissos.

Não é a primeira vez que isso acontece, tal idéia povoa as mentes humanas desde os mais remotos tempo e é cultuada com fervor sobretudo nas viradas de século, e esta é especial, pois teremos também o final do milênio. Somado a tudo isso está o último eclipse solar – que sozinho já causa histeria em muita gente – do milênio justo em agosto, popularmente conhecido como "mês do desgosto". Seitas religiosas se unem, místicos refugiam-se em vales encantados, pessoas armazenam alimentos; para quê? Será que o Todo Poderoso deixará um único ser para contar a história desta "bola azul" ? Não, o apocalipse terá efeitos especiais jamais vistos, um espetáculo inigualável; pelo menos não sobrará ninguém para reclamar.

Então para que fugir? Continuemos normalmente nossas vidas – bares, teatros, esportes, empregos, sexo. Entreguemo-nos com prazer aos mais fúteis acontecimentos de nossa existência, afinal não sabemos se os viveremos novamente. Todos preferem acreditar em um francês da antigüidade do que em seus próprios corações, em sua própria fé, para não citar força maior...

Eu seguirei minha vida normalmente, amedrontado somente com os fanáticos milenaristas. O mundo sempre acaba todo dia para alguém de uma forma ou de outra. Além do mais, a própria natureza nos faz questão de mostrar que mesmo com toda nossa ambição desmedida ainda há muito, muito mesmo para ser destruído. O homem não passa de um candidato a senhor do mundo. Agora o dia que virmos políticos trabalhando pelo bem-estar público sem nenhum interesse, aí sim deveremos entrar em pânico, subir no lugar mais alto do planeta e rezar para que alienígenas nos levem em seus discos voadores...

Bom, sinto-me enfadado e acho que um passeio pela cidade será bastante agradável. Quero deliciar-me com uma manga antes que o governo retire nossas centenárias mangueiras e as transporte para um abrigo nuclear. Seria de fato o fim da picada!

Que pecado!!!

Todos os professores de minha escola, uma das mais tradicionais de Belém, são bastante rígidos; na verdade apenas seguem as normas impostas pela diretora, uma sexagenária católica da ala ultraconservadora da Igreja. Entretanto, o professor de Redação, um ex-aluno que adora contrariar os regimentos escolares e que já foi ameaçado diversas vezes de ser demitido, é uma pessoa bastante irreverente e criativa e que sempre lança propostas redacionais no mínimo ousadas. A melhor delas: "Espião por um dia".

Alcancei a nota máxima com uma história em que eu, um espião adventista, entrava na Basílica de Nazaré às vésperas do Círio, roubava a imagem centenária da Virgem e em seu lugar deixava uma boneca "Barbie" vestida de cigana e um bilhete onde se lia: "não faz diferença". Em seguida atirava a sacra imagem nas águas límpidas e fecundas da baía do Guajará.

Fui aclamado em sala por todos. Contudo, ao tomar conhecimento da redação, Nossa Senhora Diretora intimou a mim e ao meu professor a comparecermos no gabinete dela.

-Isto é um assinte! O catolicismo foi maculado! – exclamou a furiosa mulher. Sua ira foi tamanha que chamou a polícia e ordenou aos policiais que nos prendessem sob as mais inusitadas e falsas acusações. Seus berros impediram que nos defendêssemos.

Fiquei cerca de cinco horas detido na delegacia até que o advogado da família conseguisse a minha libertação e a de meu professor.

Na semana seguinte não houve aula na escola. A diretora sofreu um enfarto fulminante ao encontrar em sua gaveta uma boneca vestida de cigana...

A Indústria Cultural e seus paradoxos

Desde os seus primórdios o modo de produção capitalista já anunciava a revolução que promoveria em todo o planeta. A produção em série, o lucro a todo custo e a acirrada competição entre os donos dos meios de produção – ávidos em aumentar seu poder de barganha – e aqueles que possuem apenas sua mão-de-obra para vender – por melhores salários – levaram centenas, milhares de estudiosos a se dedicar ao novo sistema. Seu aperfeiçoamento atingiu o ponto de negociar não só bens materiais, palpáveis; o capitalismo não mede esforços e em seu estágio mais avançado fabrica e vende até mesmo cultura, entre outros bens ditos simbólicos. Seria isso um reflexo de que, ao contrário do que fora previsto, a classe operária perdeu a consciência de sua missão histórica de revolucionar a ordem vigente? A Teoria Crítica ou Escola de Frankfurt centraliza-se, basicamente, em discutir as causas que levaram a classe operária a não reagir contra o sistema, o que veio a causar a passividade com a qual o operariado vem aceitando as imposições do capitalismo. A razão, que deveria libertar o homem, foi empregada de forma completamente contrária e tornou-se o meio utilizado pelo algoz. A Indústria Cultural reflete claramente como se dá esse processo que impõe ao homem uma doutrina, a capitalista, e como ela se solidifica cada vez mais.

O termo Indústria Cultural foi primeiramente utilizado por Max Horkheimer e Theodor Adorno em 1947 no ensaio "Indústria Cultural: iluminismo como sedução das massas". Nesta obra, os autores distinguem os conceitos de *indústria cultural* da *cultura de massa*. Enquanto esta faz supor a existência de duas culturas, uma para as elites e outra para o povo, "o conceito de 'indústria cultural' deixa claro que se trata de uma cultura só (originalmente alta ou popular) que, graças à revolução tecnológica,(...), faz com que qualquer conteúdo artístico ou cultural entre na lógica da produção para um mercado, passando, portanto, a ser *mercadoria*" (FREITAG, 1987: 56). A arte desce do pedestal onde fora colocada e onde somente uma requintada elite tinha acesso e se banaliza a ponto de, segundo os autores, perder o que a distingue das demais criações humanas: a sua "aura". Um quadro do Renascimento reproduzido hoje de diversas formas em camisas, capas de cadernos, reproduções computadorizadas, etc. não mais apresenta-se como uma obra de caráter único e transcendente, onde o autor expõe não somente a sua técnica mas também o seu sentimento, a sua subjetividade, mesmo que da maneira menos sutil. A "Monalisa" de Da Vinci disponível hoje de ímãs de geladeira à proteção de tela para computador ou o "Nascimento de Vênus" de Boticelli vendida em supermercados vêm a ser um exemplo claro do caráter mercadológico conferido

pela Indústria Cultural à arte. Tem-se a ilusão de estar comprando um objeto artístico, entretanto, a pintura na parede da sala tem o mesmo valor simbólico do sabonete sobre a pia do banheiro.

Esta estratégia adotada não se justifica apenas pelo simples desejo pelo lucro fácil ou, numa visão utópica, promover a cultura e a arte em todas as parcelas da sociedade. Produzir ou reproduzir (em série) um bem cultural, privando-o de seu senso crítico, descaracterizando-o, venda os olhos da sociedade moderna para que não percebam a lógica opressora do sistema capitalista. E nada deve fugir das normas estipuladas para manter o consumidor acrítico e inconsciente da realidade que o cerca. A famosa "fábrica dos sonhos" ou indústria do entretenimento, cujo expoente mundial é o cinema americano, cuida de vetar a atividade mental do trabalhador e tem conseguido resultados tão "recompensadores" ao ponto de se reduzir cada vez mais o número de espectadores, por exemplo, dos filmes artísticos, tornando comuns expressões contrárias a este tipo de obras (nos cinemas, as maiores filas são sempre as dos filmes que trazem nos papéis principais os galãs do momento, mesmo que na sala ao lado esteja sendo exibido um trabalho de um diretor extremamente reconhecido no meio pelo conteúdo simbólico de seus filmes). Adorno e Horkheimer (*in* LIMA, 1969: 161) afirmam: "O trabalhador, durante seu tempo livre, deve-se orientar pela unidade da produção (...). Para o consumidor, não há mais nada a classificar que o esquematismo da produção já não tenha antecipadamente classificado." E ainda, utilizando o filme sonoro como exemplo, que os fatos apresentados se desenvolvem tão rapidamente que se o espectador quiser acompanhá-los deve deixar de lado sua atividade mental (*op. cit.,* 163).

A Indústria Cultural não reúne num único grupo todos os seus consumidores. Ciente das diferenças existentes entre as classes criadas pelo sistema capitalista, a ela classifica e organiza-os no intuito de padronizá-los. Cada um consome aquilo que é destinado a si ou ao grupo a que pertence, variando apenas o teor alienante da mercadoria. Cumprindo as suas próprias regras ela prossegue na produção de mercadorias – mais uma vez afirmamos a que a cultura e a arte são reduzidas segundo Adorno e Horkheimer – mudando apenas a roupagem que dá a elas e aprimorando os modos de consumi-las, apesar de fazer crer para seus consumidores que se tratam de produtos totalmente novos e revolucionários jamais vistos no globo. (As tendências da última moda nem sempre são originais e inéditas. Os cabelos excessivamente escovados dos anos sessenta, a combinação de cores chamativas e as calças boca de sino dos anos setenta, os acessórios muitas vezes exagerados dos anos oitenta são algumas das tendências resgatadas pela moda da década de noventa e prometem marcar presença também já na primeira década do século vinte e um).

Adotando uma posição apocalíptica e acima de tudo conservadora diante das mudanças ocorridas no campo da cultura e da arte, provavelmente devido à formação erudita de ambos, Adorno e Horkheimer tornam falsa a distinção entre produção de idéias (cultura) e produção de bens materiais, uma vez que ambas estão sujeitas à mesma lógica de produção (mercadoria, troca, lucro). Entretanto, acabam pondo fim à própria arte ao afirmarem que esta possui valor crítico – nítido na exposição de um "belo" ainda não alcançado mas que o poderá ser no futuro – em suas origens, todavia que este foi banido pela produção material. Para Jürgen Habermas seus colegas adotam uma postura "*tradicional*, por ver na arte somente uma 'promessa de felicidade'; é *limitada*, por se basear num conceito burguês de arte (...) e, finalmente, é *idealista*, por não admitir a alteração interna da estrutura e função da arte e cultura (...)" (FREITAG, 1987: 60). A arte não precisa ser necessariamente imutável, pelo contrário, precisa adaptar-se à nova realidade, e para Habermas foi exatamente isso que ela fez. A Indústria Cultural é uma "instituição" bastante poderosa, chegando até mesmo ao ponto de produzir culturas destinadas exclusivamente para o consumo, reorganizando-se sempre com agilidade para manter o sistema capitalista como ordem vigente. Chega mesmo a utilizar métodos nada éticos para tal, como alienar gigantescas parcelas da população mundial. A Teoria Crítica ao refletir sobre a forma como a cultura está sendo difundida chama atenção para um tema de fundamental importância, mas não pode se limitar apenas ao discurso teórico. A arte e a cultura que esclarecem e transformam e fazem despertar nas pessoas um senso crítico devem sim sair dos muros da classe burguesa e ser *difundidas, interpretadas* e *ensinadas* às demais camadas para que a "promessa de felicidade" torne-se de fato uma realidade.

Walter Benjamin na era de sua reprodutibilidade técnica

"A capacidade que tem o homem de, dominando a matéria, pôr em prática uma idéia". É dessa forma que o termo "arte" aparece registrado no célebre dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. Pôr em prática uma idéia, um sentimento, um desejo ou muito mais. Essa necessidade de exteriorizar o eu remonta desde o primeiro homem sobre a Terra. A arte é a companheira fiel e, por que não dizer, inevitável do ser humano em qualquer sociedade e em qualquer era. E assim como o próprio homem, ela evoluiu bastante no decorrer dos milênios, especialmente nesse que acabamos de viver. Foram transformações profundas, bruscas para os mais sensíveis, mas acima de tudo necessárias.

Obviamente, tais mudanças não poderiam ser ignoradas por estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento humano, sobretudo pelo respeitado grupo que formava o Instituto de Pesquisa Social. Adorno, Horkheimer, Marcuse, Habermas centralizaram direta ou indiretamente grande parte de suas obras neste tema. Mas foi Walter Benjamin quem o abordou com uma visão mais progressista conforme podemos analisar a partir de um paralelo entre dois de seus textos, "A obra de arte na era de sua reproutibilidade técnica" e "O narrador".

A experiência e seu esfacelamento. Narrar uma cena de aventura lida em um livro ou vista na TV pode oferecer certo prazer a quem a narra e a quem a escuta, todavia, narrar um fato real vivenciado em determinado momento pela pessoa que conta é sem dúvida uma grande fonte de emoção. Para Benjamin, a experiência tem como conseqüência o aprendizado, a sabedoria. Ela fortalece o senso prático. Viver uma situação, descrevê-la com suas palavras, passá-la pelo crivo de suas emoções e doá-la ao mundo, tornar coletivos os ensinamentos de

uma vida - é a essa preservação da memória (podendo ser individual) que o autor chama de "erfahrung", presente nas antigas narrativas desde a era clássica até meados do século XIX. A experiência começa a se esfacelar quando da criação do romance. A burguesia e sua individualidade deixam de lado sentimentos coletivos, o que importa agora é voltar a atenção para o indivíduo, o "eu". Para que dar conselhos ao leitor se há tantas outras coisas aguardando para ser ditas? A arte narrativa não se preocupa com explicações, diferentemente do romance e logo em seguida a informação. É o homem tragado pelo imediatismo do cotidiano (erlebnis).

Tradição e memória. A arte teve intrínseca em si um caráter subversivo de contestação de uma realidade, uma "promessa de bondade". Entretanto, vivia enclausurada primeiramente nos mosteiros e depois nos museus e outros espaços burgueses a ela destinados. A reprodutibilidade técnica fez com que esta arte deixasse esses locais e se renovasse adquirindo para si novos conceitos e novas utilidades. Houve um aproximamento das massas com a arte. Mas Benjamin preocupa-se também com o declínio da aura, vendo nesta o elo entre o homem e a sua História; esquecê-la pode fazer com que o homem viva preso a "erlebnis". É importante saber de onde se veio e valorizar esta condição para descobrir onde se chegou ou se pretende chegar, e é justamente a memória que promove essa retomada do passado. Todavia, a arte não deve permanecer presa à tradição e aos costumes de outrora.

A aura. Este invólucro que envolve a obra de arte, esta *"aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja"* (Benjamin, 1994: 170) é uma preocupação vital nas obras de Benjamin aqui analisadas, especialmente em "A obra de arte...". Neste ensaio, o autor procura criar um histórico da obra de arte e de sua relação com seus produtores e consumidores desde a Idade Média até a

era contemporânea. Para facilitar o entendimento de como se dá essa relação, utiliza-se de dois termos: valor de culto e valor de exposição.

Durante a era medieval, a obra de arte tem um valor de exposição praticamente nulo e restringe-se ao confinamento, longe dos olhos dos espectadores. O valor de culto só começada a ser deixado de lado com o declínio do pensamento medieval. Aos poucos a obra de arte passa a ser liberada para admiração coletiva. Mesmo com sua "popularização" a arte mantém o objeto aurático, caracterizado pela unicidade (einmaligkeit) e pela distância (entfernung). É a aura que mantém o espectador fascinado, que atribui à arte seu caráter único, peculiar. Esta *"figura singular, composta de elementos espaciais e temporais"* (ibid.: 171) - elementos estes que alteram a percepção humana - vem sendo destruída ao longo dos anos pela ganância da sociedade. Possuir uma obra (ou trecho) dá às pessoas uma falsa sensação de superioridade. A "Monalisa" de Da Vinci ou o "Abaporu" de Tarsila reproduzidos em capas de caderno ou calendários e "devorados" por uma legião de consumidores que muitas vezes sequer ouviu falar dessas obras, não tornam uma pessoa melhor ou mais inteligente que outra (!). *"Fazer as coisas ficarem 'mais próximas' é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade"* (ibid.: 170). Para Barbara Freitag, em "A Teoria Crítica: ontem e hoje" (1990), a perda da aura se deu pela tecnificação do mundo e pela reprodutibilidade técnica da arte - que levou à massificação do consumo de bem artísticos -; conseqüências da modernização da sociedade burguesa do século XIX.

Diferentemente de seus colegas da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin não vê de maneira (tão) pessimista e catastrófica a perda da aura. É inevitável que a unicidade e a singularidade da obra de arte são destruídas, mas com isso ela se torna acessível a todos intensificando seu valor de exposição, processo que se dá com o surgimento da fotografia. Nasce um novo valor: o valor de consumo.

A popularização da arte chegou a tal ponto que até mesmo a política passou a utilizá-la em seu favor, como é o caso do Nazi-Fascismo e até mesmo dos governos atuais que, entre outras circunstâncias, faz uso de propagandas televisivas muito bem produzidas para falar de prevenção da AIDS, acidentes de trânsito, etc. *"Por isso mesmo a obra de arte pode servir como instrumento de politização (...), mas também instrumento de redução de tensões que, sem essa 'válvula de escape' , possivelmente teriam condições de dinamizar a sociedade"* (ibid.: 76-77).

Esta arte "pós-aurática" não tem necessariamente um caráter alienante, apenas refletem o novo contexto mundial, por sua vez, bastante diferente dos padrões tidos como referência para Adorno e Horkheimer. A arte ganha novos "componentes" como o rádio, o cinema, a televisão e a fotografia, que não impedem o público de desenvolver o senso crítico. *"Benjamin defende a tese da mudança qualitativa da obra de arte pós-aurática, devido às mudanças tecnológicas que, por sua vez, também criam novos padrões de percepção e consumo das novas forma culturais e artísticas"* (Freitag: 1987, 63).

As novas formas de narratividade e percepção da realidade. A narrativa original, para Benjamin, se ainda não está morta, vem agonizando em seus últimos suspiros. Com o surgimento do romance, o caráter pedagógico, moral e mesmo disciplinador - uma espécie de "aura" da narrativa - foi se perdendo cada vez mais, a "moral da história", palavra de ordem na narrativa, foi trocada pela preocupação com o sentido da vida, centro em torno do qual o romance se movimenta. Busca através dele uma nova maneira de viver a vida, agora não mais ouvindo os conselhos de um narrador e sim colocando-se no lugar de uma personagem que sonha presente, passado e futuro. O mundo moderno é dinâmico e frenético, o trabalhador não dispõe de tempo livre para preocupar-se com questões (essenciais) da vida. E da narrativa, passando pelo romance até a chegada da informação - esta na fase atual apresenta um caráter

instantâneo -, as explicações a cerca desses temas vêm sendo resumidas, em alguns casos, drasticamente. Se antes havia toda uma "mistificação" em volta da fábula da formiga e da cigarra, hoje lemos nos jornais (impressos ou virtuais) uma matéria falando de como a vida de uma mendigo se modificou quando lhe foi dada uma oportunidade de emprego (tento aqui sintetizar e atualizar o conteúdo da fábula).

A maneira de se perceber a realidade muda com a evolução das sociedades. Se antes as pinturas, a música, o teatro e a arquitetura muitas vezes ignoravam a realidade que os circundava, a fotografia, o cinema, a TV e os novos estilos musicais e literários bebem constantemente na fonte do registro e crítica do mundo. De "Cidadão Kane" a "Central do Brasil", de "Feliz Ano Velho" a "Confissões de Adolescente", são inúmeros os registros de obras que reproduzem nas telas e nos palco, por exemplo, as realidades contemporâneas. Estas são as novas formas de percepção e consumo das também novas formas culturais e artísticas. A nova arte cria novos consumidores.

Walter Benjamin na era da reprodutibilidade técnica. Mesmo não tendo sua tese de livre-docência aceita pelo Instituto de Pesquisa Social, Benjamin é um dos pensadores mais aclamados da Teoria Crítica. Seja por sua visão menos pessimista da realidade - embora não menos elitista - ou pela paixão que se entregou à vida (pessoal e intelectual), ele é um dos estudiosos que melhor consegue explicar temas atuais como o cinema sem carregar em idéias apocalípticas. Benjamin apresenta-se cético em certos momentos de suas obras, como no último parágrafo de "A obra de arte...", mas ainda assim apresenta uma visão positiva das mudanças ocorridas no mundo e consequentemente na arte. Apesar de não ter vivido tempo suficiente para presenciar a consagração do cinema como a sétima arte, graças a maravilhas como filmes de Bergman, Truffaut, Kurosawa, Almodóvar, entre outros gênios, fez uma análise verdadeira

desta criação burguesa - uma das poucas bem realizadas pela classe. Sem dúvida alcançou um lugar de destaque no meio acadêmico por sua proposta de refuncionalização da obra de arte, que rebate à altura as previsões avassaladoras de Adorno e Horkheimer. Mas o que diria Walter Benjamin se, vivo, assistisse à tentativa de reprodução técnica - literalmente- da natureza, incluindo do próprio ser humano? A clonagem seria o apogeu da era da reprodutibilidade técnica? Por que não imaginar-se no lugar dele... ? Walter Benjamin tornou-se objeto de seu próprio estudo a partir da crescente análise discussão de seus textos e sua vida pessoal, e os resultados estão nas exposições, painéis, livros, camisetas e até mesmo "sites" na rede mundial de computadores com a sua foto, trechos de sua obra, etc. Ele próprio encaixou-se (ou foi encaixado) na sua citação*: "Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma"*. (ibid.: 196).

A Musa

Eu naquele trem tão indiferente e tão sem vida não conseguia imaginar como o cinza de seu interior poderia entediar-me ainda mais. Lá fora, a paisagem também não me agradava, era muito simples, irritantemente simples. A terra dos ianques não tinha até então oferecido-me uma vista realmente exuberante. Na verdade, a vida até então não havia sido nada exuberante. Era ela também cinza e entediante, uma mera sucessão de dias.

Eu estava sentado num banco de couro envelhecido junto à janela. O sol era o meu único companheiro naquele vagão, sua luz plácida tocava meu rosto brandamente e tentava transportar-me dali, levar-me a um novo destino que não era o mesmo a que me levava aquele trem. Eu tinha na mão um pequeno bloco de anotações onde até então havia feito apenas alguns rabiscos infantis, vã tentativa de distrair-me. Era preciso seguir até o fim com ou sem distração. Por que não caminhar pelo trem e imaginar quantas pessoas haviam viajado nele, quantas histórias - romances, brigas, reconciliações, amizades - já haviam começado ou terminado ali naqueles vagões tão cinzas. Será que já havia acontecido algo do tipo ali? Era-me difícil conceber que sim, que mesmo ali naquele local tão opaco a vida tivesse se manifestado. Pus-me a caminhar por serenamente, tinha a sensação de ver pessoas que nunca vira em minha vida - sem ironia alguma quanto a esta palavra. Todos com o mesmo semblante entristecido, ansiosos para chegar a seu destino final. Ninguém conversava, ninguém sorria, apenas fitavam o tempo com a angústia e o desejo de que ele não os torturasse mais que o suficiente. Aquele cinza...como eu o odiava! E ele parecia estar presente onde quer que eu imaginasse. Ele me atormentava e zombava de mim como seu fosse um tolo.

No fim daquele vagão, em pé junto a uma janela, eu a vi contemplando a luz da manhã. De onde eu a via com seu perfil tão bem delineado ela parecia sorrir com a felicidade que domina o coração das pessoas que amam, mas seu olhar era lânguido e não estava ali naquele vagão. Quem era ela? Eu não estava reconhecendo sua imagem embora tivesse certeza de já tê-la visto antes... Sim, eu a conhecia! Era ela, eu sabia que era ela! Mas estava muito mudada, seu rosto não tinha mais aquela fisionomia que "eu" conhecia. O vento soprava suave em sue cabelo dourado, em seu famoso vestido branco. Seus lábios de cereja não se mexeram, mas eu pude ouvir sua voz rouca, talvez de choro, revelando-me um segredo:

-Ele está me esperando - disse ela sem olhar para mim.

-Quem? - perguntei mesmo sabendo a quem ela se referia.

Ela não disse mais nada, continuou observando o verde intenso que começava a se pintar lá fora. Era incrível, mas eu sabia de quem ela estava falando. Qualquer um que a visse saberia de quem ela falava e, estranhamente, saberia que ele não cumpriria a sua promessa, não estaria na estação esperando por ela. Fiquei ali observando curioso e ao mesmo tempo admirado aquela figura pela qual tantos corações suspiravam. Contudo, como podia ser ela ali na minha frente se desde criança sabia de sua morte? Como ela podia estar viajando naquele trem? Não havia respostas que pudessem fazer-me compreender o porquê de sua presença ali, por isso permaneci junto dela até a luz dourada do crepúsculo brilhar em sua face e fazer despontar a desilusão. Havíamos chegado à estação e ela agora estava certa de que ninguém a aguardava.

-Já chegamos - eu disse.

Ela pareceu não me ouvir por um instante, entretanto respondeu-me em seguida:

-John não está aqui.

-Ele não vem, vamos embora.

Ela olhou em minha direção com os olhos chorosos.

-Não posso, preciso esperá-lo!

-Ele não virá.

Olhamos um para o outro com certa curiosidade, ela parecia saber o que me levava a dizer aquelas palavras com tamanha certeza e quem seria aquela pessoa à sua frente que lhe afirmava com tanta convicção que "ele" não viria. O mesmo olhar que demonstrava interesse em descobrir minha identidade demonstrava também firmeza na decisão de permanecer a espera de um homem que talvez nunca viria ao seu encontro. Comecei a sentir pena, mais uma vez, daquela mulher. A primeira vez que ouvi a história de sua vida também senti pena dela, achei injusto que a fama e a fortuna não houvessem trazido-lhe alguém que correspondesse a todo o amor que ela carregava consigo. De súbito, sorri para ela como que para tentar recompensá-la - quanta pretensão - por não ter sido tão amada quanto merecia. Convidei-a mais uma vez para deixar aquele local e ela novamente recusou. Não vou me esquecer nunca da imagem que vi: seu cabelo louro ondulado emoldurando uma face alvíssima e a pinta negra no rosto brilhante pelo toque das lágrimas de seus olhos azuis e entristecidos.

-Vou continuar esperando-o - disse ela esperançosa.

Retirei-me do vagão e pus-me a caminhar pela estação. Olhei em direção à janela onde estava há pouco e ainda pude vê-la. Balancei a cabeça negativamente e segui. Sim, por mais que meus olhos mirassem uma imagem que eu julgava irreal meu coração tinha certeza de que era de fato ela quem eu havia encontrado no vagão cinza de trem e não havia como enganá-lo. A musa... De fato, era linda como diziam todos e triste como ninguém jamais ousou imaginar.

Cadê Belém?

Já se tornou um fato mais que banal jornais estamparem notícias que causam nos leitores uma sensação desagradável de impotência, raiva e/ou frustração, geralmente são notícias que ressaltam os altos índices de violência, catástrofes provocadas pela natureza ou pelo próprio homem, etc.; sentimos uma ânsia louca de apagar aquelas palavras e rescrevê-las como se com isso estivéssemos também modificando a própria realidade.

Bom, o que me levou a escrever este texto, ou melhor, este desabafo verbal, obviamente como já devem ter percebido, também foi uma (péssima) notícia lida hoje num famoso jornal do Pará. Não estava no caderno criminal tampouco no político, mas era tão violenta e preocupante quanto as que são publicadas nestes espaços. Intitulada "Belém expropriada do tacacá", a matéria falava sobre uma campanha promovida pela Prefeitura de Manaus em parceria com o empresariado amazonense que tem como meta promover o turismo na cidade. Invejável campanha tem conseguido obter excelentes resultados a ponto do Guia Quatro Rodas – Roteiros de Viagens, a mais conceituada publicação do gênero, ter "batizado" Manaus como a terra do tacacá. Muito bem, parabéns aos amazonenses que conseguiram realizar mais um ótimo lance de marketing turístico (para não chamar de outra coisa). Não tenho conhecimentos na área das ciências sociais que me permitam dizer se tal fato é realmente verdadeiro, se o tacacá é oriundo do Amazonas, mas assim como os demais belenenses (os verdadeiros) sei que o prato tem raízes indígenas e que há muito, muito tempo é apreciado e conhecido como um dos símbolos da capital paraense e do nosso estado, bem como o pato- no- tucupí, a maniçoba, entre outros. Ah, também consta no Guia que a Manaus é o berço da "Belle Èpoque", estilo arquitetônico do século XIX que, ao que parece, por acaso ocorreu em Belém na época. Seria ignorância da minha parte para com nossos vizinhos perguntar se o Círio de Nazaré também é oriundo de lá do Amazonas? Pode ser que o caboclo Plácido tenha se enganado e na verdade encontrou a imagem de Nossa (ou Deles?) Senhora de Nazaré na margem do rio Solimões. Talvez eu esteja exagerando um pouquinho. Mas e as centenárias mangueiras que cobrem o centro de Belém? O que? O intendente Antônio Lemos roubou as sementes e mudas de uma fábrica da zona franca ?! Que horror! Ah, aproveitando a interjeição. E o "égua" tão falado por aqui, por acaso foi seqüestrado de algum "curral lingüístico" daí? Foi?!! Ih, agora me dei mal. Hã, a Fafá de Belém nasceu em Manaus mas foi raptada e trazida pra cá?!!!! Tá bom, chega de discussão. Se quiserem levar o Ver-o-Peso não tem problema, a Paratur e a Belemtur ainda embrulham para

presente. Mas deixem a gente pelo menos aproveitar mais um bocadinho a Estação das Docas, pode ser? Obrigado, vocês são muito gentis...

Será que é isso que vai ocorrer daqui há, sei lá, dois dias?! Será que a maldição que nos fez e continua fazendo ser a "terra do já teve" não vai terminar nunca? Bem que Manaus poderia levá-la consigo também e deixar um pouco da inteligência de seus governantes e moradores, que vêm ressaltando cada vez mais o nome e a importância da cidade. Será que há alguma agência de turismo no mundo que divulgue para seus clientes as brigas ridículas entre o governo de um estado e a prefeitura de sua capital? Poderíamos sugerir a idéia na expectativa de ver Belém ser invadida por turistas de todo o mundo ansiosos para assistir ao cruel debate. Mas cuidado, se a idéia render bons resultados adivinha quem vai se intitular dono dela... ? Brincadeira. Quero deixar claro, transparente que minha revolta não é e nunca foi contra os manauenses, eles estão apenas promovendo sua cidade e como nesse jogo tudo é permitido estão fazendo o possível – e o impossível – para obter êxito, muito diferente dos governantes daqui que só tem assistido e aplaudido a ascensão amazonense. Quem ama ou pelo menos respeita Belém, trabalha e divulga para todo o planeta o que tem feito de bom pela cidade. A outrora metrópole da Amazônia está cansada de ser tão maltratada por seus filhos e "amigos". Isso sem falar na auto-estima liqüidada de seu pai, o Estado do Pará, que até na Bandeira Nacional está sendo ameaçado. É como se as pessoas estivessem simplesmente andando por nossa terra alheias a tudo, sem dar-lhe a atenção merecida. Belém é uma morena charmosa por natureza mas que no momento está precisando de muito mais que um banho – não de cheiro , mas de carinho, respeito e ação – para recuperar seu brilho original, seu perfume caboclo, suas cores pitorescas. E isso não é pedir muito. E para aqueles que com a história do tacacá manauense acreditam já ter visto esse filme antes só que estrelado pela lambada baiana – sim, não é a primeira vez que temos nossa cultura saqueada – eu compartilho um desejo: que isso não se torne uma trilogia nem tampouco um seriado de TV onde Belém venha a ser a grande excluída dos créditos finais.

P.S.: Vamos nos apressar em trancar num grande e resistente cofre o carimbó, o siriá, a marujada, o açaí, o cupuaçu, o pôr-do-sol na baía do Guajará, o Teatro da Paz, Natal Silva, Pinduca, Verequete... E que nossos saqueadores façam bom proveito do resto.

As cores da cabocla cheirosa

Provavelmente, a Cidade das Mangueiras nunca tenha vivenciado uma disputa eleitoral como a que hoje assiste avidamente. Se fosse leiloada, a cadeira mais almejada do Palácio Antônio Lemos seria indubitavelmente arrematada por uma quantia extraordinária tamanha a ânsia de ambos os candidatos em ocupá-la pelos próximos quatro anos. Ou será a beleza secular da sede da prefeitura municipal que nos tem feito assistir a um duelo entre titãs coloridos e seus milhares de partidários por todos os bairros da capital? Pouco provável. As militâncias e as coligações partidárias vêm obtendo um resultado jamais visto. As placas e faixas com os nomes dos candidatos espalham-se por todos os cantos da cidade, desde a mais humilde palafita na baixada ao mais caro apartamento no grande centro. O vermelho e o amarelo dominam as ruas e as mentes belenenses. Se quiser iniciar uma discussão acalorada, seja em qualquer nível ou qualquer lugar, basta mencionar o nome de um dos candidatos a prefeito...

Entretanto, a campanha eleitoral em Belém não vem se desenrolando, por mais irônico que pareça, de uma maneira politicamente correta. À medida que a diferença entre os candidatos diminui a ética vai sendo deixada de lado pelos mesmos. Vendo panfletos, cartazes e comerciais nos meios de comunicação, especialmente a televisão, o pensamento de que ainda não se faz política, a verdadeira, aquela que através da troca de idéias chega-se a um consenso do que será melhor para a população, enraíza-se cada vez mais em nossas mentes. É em momentos como estes que deixam de agir com a calma, a obstinação a certeza dos algozes dos filmes de terror para adotar o mesmo desespero da vítima cruelmente seguida... Os debates políticos, tão valorizados em nações onde há a menor evidência de democracia, são tratados como meros golpes de marketing, momentos de promoção pessoal ou partidária, podendo ou não ser ignorados, quando na verdade possuem o papel de esclarecer e até mesmo decidir o voto do eleitorado através da exposição de propostas e metas de governo. E o povo já não é mais tão passivo como um dia foi julgado ser, as promessas de outrora não foram e não serão esquecidas nem tampouco quem as prometeu.

O segundo turno em Belém é sem dúvida um dos mais acirrados do país e a campanha será intensa até o último instante, mas somente bandeiras amarelas ou vermelhas nos carros e nas casas não garantirão a vitória do melhor candidato. Essa só será realmente conquistada depois de quatro anos quando a população responderá positiva ou negativamente ao que foi feito durante esse período. Terá

vencido de fato aquele que melhor preservar as mil cores desta cabocla cheirosa chamada Belém o Pará.

Uma rua de mão dupla.

Quem lê viaja. Essa foi uma frase que fez muito sucesso há algum tempo. Era o "slogan" de uma campanha do MEC para incentivar a leitura nas escolas públicas do país. Muito boa a menção ao lado de fantasia e imaginação que a leitura, sobretudo a dos livros infanto-juvenis, nos proporciona. Mas será que esse mundo de ilusões abre-se automaticamente à nossa frente tão logo juntemos aquela porção de letrinhas construindo assim as palavras, as frases, os parágrafos, etc.? Será que ler resume-se apenas a uma mera junção de símbolos que fazemos com os olhos ou, no caso dos deficientes visuais, com os dedos?

Uma criança de três anos que sequer tenha sido matriculada numa escola provavelmente não conhece o alfabeto nem tampouco as construções que podem ser feitas a partir de suas letras. Entretanto, se vê um coleguinha chorando certamente perceberá que algo de errado ou de desagradável aconteceu com o parceiro. Como? Porque teve e continua tendo a mesma reação diante de uma situação como a presenciada, chora quando algo lhe desagrada. A criança que não tem nenhuma experiência com as letras do alfabeto já carrega, ainda que numa proporção bastante inferior em relação a um adulto, certa experiência de vida, ou seja, observou uma cena, assimilou com as demais que já havia visto ou vivenciado, e chegou a uma conclusão. Ler também é isso, é utilizar a experiência, o conhecimento adquirido durante a vida como filtro para as mais diversas situações. Daí dizermos que não lemos apenas livros, revistas, jornais. Podemos (e devemos) ler não somente as legendas, mas sim o filme por completo.

Por que os filmes europeus, geralmente tidos como artísticos, são os menos preferidos do grande público? Confesso que me surpreendi com o sucesso do filme "Tudo sobre minha mãe" do espanhol Pedro Almodóvar. Nele o diretor faz uma leitura sentimental de diversos tipos de mulheres. Contudo, é uma leitura sutil, camuflada por uma história dramática e comovente. Coisa que não vemos nas milionárias produções americanas. Nelas a história é apresentada de uma maneira bastante - para não dizer completamente - simplificada. As artes são um grande exemplo de que não lemos apenas letras. Fundamentam o velho conselho dado por professores - geralmente os inesquecíveis - nas séries mais avançadas do colegial de que "é preciso ler as entrelinhas". E é justamente nelas que se encontra a alma, o significado maior de qualquer obra. Uma criança alfabetizada consegue ainda que com certas dificuldades ler um texto de Platão.

Ela conhece as letras e as palavras contidas na obra, mas será que vai conseguir entender os ensinamentos do filósofo? O mesmo acontece com uma língua estrangeira que desconhecemos. No meu caso, posso ler tranqüilamente um texto em italiano, mas daí a compreender...

Há pessoas analfabetas (pedagogicamente) que sabem ler melhor que muitos universitários. E conseguem fazer isso graças aos fatos que já viveram e tudo que aprenderam com eles. Podemos dizer que o processo de leitura divide-se em duas partes: dominar um código e interpretar as informações de que tomo conhecimento através do mesmo. Uma rua de mão dupla que o conhecimento percorre do começo ao fim. Na verdade, não lemos com os olhos ou com os dedos, e sim com o cérebro, com nosso raciocínio.

Sobre o Autor e sua Obra

Felipe Blanco

Nasceu em 1981, em Belém. Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará – UFPA, venceu em 1999 o V Concurso de Redação do Círio de Nazaré, realizado anualmente para homenagear a padroeira do Estado do Pará, e teve publicada a redação vencedora Círio: manifestação de amor e de fé à Nossa Senhora e a poesia Mãe.

Condessa é o seu primeiro romance. Escreveu algumas crônicas, peças teatrais e pequenos contos, além de outros dois romances.

Para corresponder com Felipe Blanco, escreva:
felblanc@ig.com.br